

LOURIVAL BATISTA PATRIOTA: um cantador entre o rural e o urbano

Autores: BRUNO GARCIA ARAUJO e MARLENE APARECIDA DOS REIS

Introdução

Sertão banhado por rio. É no curso do rio Pajeú que nasce um dos mais intrigantes e interessantes paradoxos de nossa cultura: a rica produção literária de uma população marcada pela história e pela indústria da seca. Considerada a capital nordestina da poesia popular, a cidade de São José do Egito é parada obrigatória para quem gosta do turismo cultural. A oralidade, a música, a religião e a rusticidade presentes no local, contribuíram para que essa região fosse considerada um dos principais símbolos da cultura nordestina, mais especificamente da poesia popular.

O áspero e o sensível, o rústico e o suave se combinam para formar a imagem do sertanejo que é o personagem principal desse nosso mote, o poeta-cantador. A luta desse poeta-cantador no seu processo de construção artística resulta em uma obra que consegue habitar perfeitamente nos espaços de características urbanas e nos espaços de características rurais. E como bom exemplo a ser tomado, destaca-se dentre vários desses poetas, Lourival Batista Patriota, o Louro do Pajeú, dono de uma produção de qualidade peculiar.

1

Referencial Teórico

O primeiro poeta de que se tem notícia na história de São José do Egito foi o grande repentista Antônio Marinho do Nascimento. Conhecido como o *Águia do Sertão* ou *Rei dos Cantadores*, foi o primeiro cantador que levou o nome da cidade de São José do Egito para outros cantos do país através da sua poesia. “Antônio Marinho do Nascimento emergiu do Recôndito de Angico Torto para o mundo da Poesia” (VERAS, 2007, p. 31). Um pouco depois de Antônio Marinho, surgiu a *Trilogia do Repente*, representada pelos Irmãos, Lourival Batista, Dimas Batista e Otacílio Batista. Esses poetas cantadores foram os grandes divulgadores de São José do Egito por todo o Brasil. Quanto a Lourival Batista, não só pertence a essa *Trilogia do Repente*, como

também faz parte da dinastia dos *Faraós do Repente*, juntamente com Antônio Marinho e Rogaciano Leite; de acordo com a genealogia criada pelo poeta e pesquisador José Rabelo de Vasconcelos. “A obra de Lourival Batista é esparsa e rica. Embora não tenha editado um livro, seus versos imortais espalhados pelo Brasil e além dele, envolveram seu nome numa aura inesquecível” (COSTA, 16/06/09).

Impossível para qualquer pessoa, natural ou visitante, da cidade de São José do Egito deixar de ouvir alguns dos causos envolvendo o Louro do Pajeú; desde sua mania de andar com bolachas nos bolsos para oferecer aos amigos, até as suas mais afamadas pelejas e respostas. Assim, os jovens poetas que vão se formando, já “enxergam nele a imagem de um Faraó da poesia, cuja dinastia foi herdada do fundador, o poeta Antônio Marinho do Nascimento. Reconhecem seu gênio e seu talento como uma dádiva oferecida à terra privilegiada de São José do Egito” (COSTA, 16/06/09).

E é a força desse chão que ajuda a mover e transpor historicamente a poesia do Rei dos Versos. Um chão que traz sua tradição e originalidade. Um ambiente que compõe de forma exata a imagem do poeta que tanto prazer teve em retratá-lo, mesmo quando não tenha sido de uma forma direta. Este é o ponto-chave da poesia de Lourival Batista, incorporar os elementos rurais e urbanos, respectivamente as cidades de São José do Egito e Recife, sem precisar citá-los abertamente; mas arrumando um sem fim de imagens.

O rural e o urbano se fundem de uma maneira tão intensa na poesia do Louro do Pajeú, que em vários momentos fica até difícil distinguir um elemento do outro. Na verdade, toda a obra de Lourival Batista está permeada por ambos os temas. Pela força de São José do Egito e todo o sertão do Pajeú, como também por toda a inovação da cidade do Recife.

Iniciou sua carreira de cantador no Recife, mas pertenceu a uma safra de violeiros que começou a vida com um contato direto com a terra, com o *roçado*. Nem um ambiente, nem o outro poderiam sair tão rapidamente de sua vida. Ora seus versos *puxam* para o rural, ora seus versos *tendem* para o urbano.

Mas sempre acabam se encontrando em algum ponto, onde ambos os elementos colidem.

Nem tudo que é triste chora
nem tudo que é alegre canta
nem toda comida é janta
nem todo velho é escora.
Nem toda moça namora
nem todo amor tem paixão
nem toda prática é sermão
nem tudo que amarga é lima
nem todo poeta rima
nem toda terra é sertão.

(Lourival batista, s/d)

3

Nesta décima, está clara a comparação que Lourival faz entre os dois ambientes, com seus elementos, culturas, costumes e sentimentos. Os espaços se entrecruzam, mas são diferentes entre si. Pode-se observar que a relação entre a tristeza e a alegria serve para ambos os espaços. Já a relação entre a moça que namora, o amor e a paixão, faz referência clara ao fato da modernidade de algumas moças da cidade grande, coisa que em algumas cidades do interior ainda hoje é vista com certo espanto. Mas a principal diferença para o poeta está na forma de se fazer poesia, pois enquanto na capital não é necessário fazer justo uso da rima, no sertão ela é indispensável, concluindo de forma intensa que “nem toda a terra é sertão”.

Reconhecer a relação e a importância entre esses elementos na obra de Lourival Batista é determinar sua importância nos dois ambientes. Recusá-las, seria um desrespeito com a poesia e com a memória de Lourival Batista guardada nos dois espaços.

Metodologia

No ponto referente à composição metodológica desta pesquisa, com a finalidade de alcançar um maior aprofundamento da divulgação da poesia do Louro do Pajeú e devido à escassez de estudos sobre o tema citado, é que esta pesquisa é caracterizada como exploratória. Através do aprofundamento de importantes questões, espera-se demonstrar a importância e influência desses dois espaços, o rural e urbano, na produção poética de Lourival Batista Patriota; fator que é delimitado como o objetivo principal da presente pesquisa. Assim, naturalmente o estudo conduzirá ao reconhecimento da memória que a cidade de São José do Egito guarda de Lourival Batista e como o espaço rural e o espaço urbano aparecem na obra do poeta, através da identificação dos temas, bem como de suas estratégias e recursos poéticos. Muitas das poesias destacadas no decorrer do texto ainda não chegaram a ser publicadas, devido a sua natureza oral, tratando-se de material inédito; o que ocasionou certa dificuldade e ao mesmo tempo um imenso prazer na realização do trabalho. Por causa deste fato, ressalva-se que a referência em alguns poemas aparece de forma incompleta, já que foram resgatados no acervo pessoal de parentes do referido poeta-cantador. Também vale a pena destacar a participação da escritora Terezinha Costa, prima de Lourival Batista, que contribuiu com sua visão a respeito da obra do Louro do Pajeú em uma entrevista concedida no dia 16 de junho de 2009.

4

Considerações Finais

Lourival Batista Patriota é uma figura que nos leva a ter uma visão mais próxima do homem cultural nordestino, na sua simplicidade, na formação de seu caráter e como não poderia deixar de ser, nas suas relações com o ambiente. Daí, a tonalidade de uma cultura que se alterna na medida de suas diferenças regionais. Para Lourival Batista, não importa se é o sertão ou a cidade, o popular ou o erudito, o que vale é a paixão pela poesia. Uma paixão que faz mover a vida, uma paixão sem a qual não há importância viver. “Falar de Lourival Batista é tocar no cerne, no âmago daquilo que a arte popular tem de mais criativo e duradouro” (MELO, 2001, p. 25).

Lourival Batista, na capital e no interior, é nome que sempre vai remeter a mais pura cultura nordestina. Mais do que isso, à mais bela e pura poesia. Uma poesia

improvisada, despreocupada, livre e por tudo isso, imponente. “Ele e o repente, neste século, se confundem” (MELO, 2001, p. 40).

Referências

COSTA, Terezinha. **São José do Egito: musa do Pajeú**. Recife: Assessoria Editorial do Nordeste, 1995.

MELO, Alberto da Cunha. **Um certo louro do Pajeú**. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 2001.

_____. **Um certo Jó Patriota**. Recife: SINDESEP, 2002.

VERAS, Ivo Mascena. **Antônio Marinho do Nascimento: o precursor dos repentistas de São José do Egito**. Recife: Bagaço, 2007.